

Circuitos turísticos ítalo- descendentes: novos usos da cultura no período contemporâneo¹

Marcelo Panis

✉ panisgeo@gmail.com

Resumo

Este artigo tem por objetivo apresentar e ampliar a discussão a respeito das formas de uso dos bens culturais pelas práticas turísticas no período contemporâneo. Nessa medida, a discussão no presente artigo se concentrará na relação de uso das heranças culturais ítalo-descendentes, bens materiais e imateriais preservados e transmitidos ao longo do tempo que, por sua importância, foram transmitidos através das gerações e, na atualidade, têm incorporado um valor de troca ao valor de uso, processo observado por meio da formação de circuitos turísticos em estados da região Sul e Sudeste do Brasil.

* * *

PALAVRAS-CHAVE: Circuitos turísticos, ítalo-descendentes, patrimônio cultural, identidade, refuncionalização.

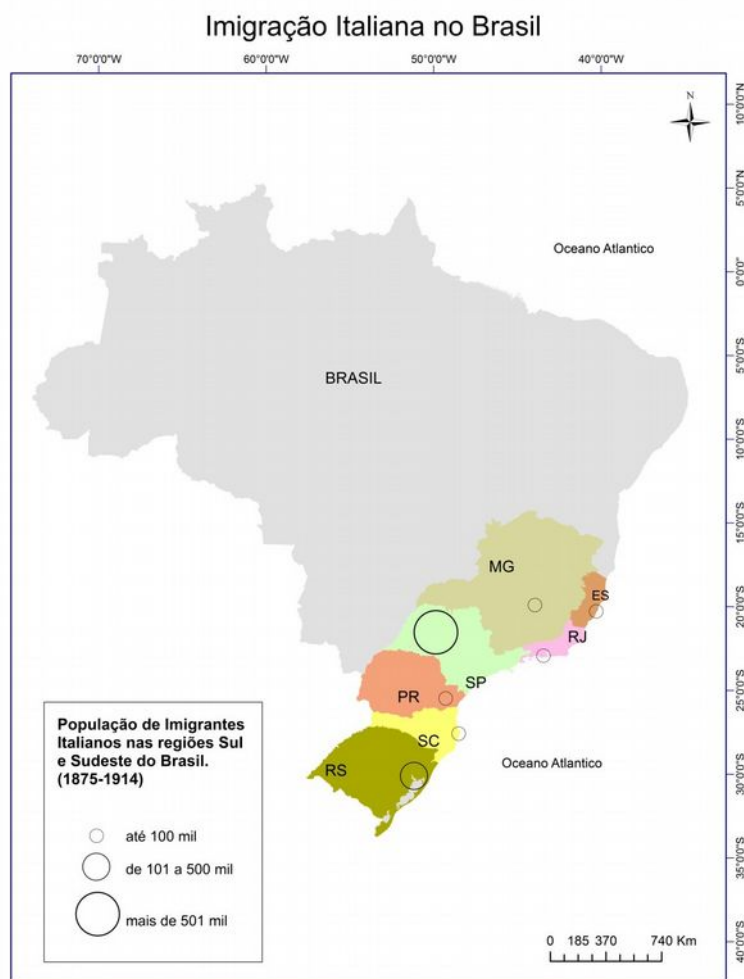
1 Este artigo se baseia na pesquisa de doutorado intitulada: “Circuitos turísticos ítalo-descendentes: O uso contemporâneo das heranças culturais no Sul e Sudeste do Brasil”, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Campinas – IG/UNICAMP, em 2014. A pesquisa contou com o financiamento, por meio de bolsa de pesquisa, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

Introdução

No mundo contemporâneo, a cultura passou a ocupar um lugar central, de maneira especial quando esta é valorizada para a prática turística. O turismo se tornou uma das principais atividades geradoras de fluxos de pessoas, capitais, serviços e mercadorias, com a multiplicação de novas e distintas tipologias que visam ampliar a oferta e atingir a públicos cada vez mais diferenciados. Entretanto, a prática turística não se reduz a sua dimensão econômica, uma vez que sua aproximação às referências culturais a tornam uma prática social que promove a valorização dos bens materiais e simbólicos da cultura no espaço geográfico, uma relação dialética entre sistemas de objetos e ações (SANTOS, 1996).

Esses sistemas de objetos e ações constituídos, também, pelas representações materiais e imateriais da cultura – no presente caso, da cultura ítalo-descendente – resultam de processos sociais e históricos que, no território, “manifestam projetos, interesses, necessidades, utopias” (MORAES, 1996, p. 24-25). Por este motivo, os lugares onde os primeiros imigrantes italianos se fixaram no país são repletos de formas e funções socioespaciais que evidenciam as determinações político-econômicas vivenciadas pelos primeiros italianos e seus descendentes, nas regiões onde se instalaram as colônias de imigração ou nas fazendas de café nas regiões Sul e Sudeste do Brasil (Figura 1).

Figura 1: População de imigrantes italianos nas regiões Sul e Sudeste do Brasil.



Fonte: IBGE (Base cartográfica, 2007).

Elaboração: PANIS, Marcelo; DIAS, V. F. (2012).

A aproximação entre turismo e patrimônio apresenta-se consolidada no período contemporâneo, visto que cada vez mais as manifestações culturais dos povos constituem potenciais de atratividade enquanto expressões distintas. Afinal, a cultura enquanto elemento identificador e, por excelência, diferenciador das sociedades, constitui-se em uma dimensão importante vivida pelos viajantes.

A partir dessa percepção, os detentores das expressões culturais ou os agentes do planejamento territorial e turístico convertem suas heranças culturais em atrativos abertos à visitação e ampliam e diversificam a oferta de produtos para o

consumo. É o caso, por exemplo, dos circuitos² turísticos vinculados à cultura dos descendentes de imigrantes italianos, identificados pela pesquisa realizada e apresentados no Quadro 1 e nas Figuras 2 a 5.

Quadro 1: Circuitos turísticos ítalo-descendentes nos estados das regiões Sul e Sudeste do Brasil

Rio Grande do Sul:

- Caminho das Pipas (Rolante)
- Caminho das Colônias – A Gastronomia Italiana (Caxias do Sul)
- Caminhos de Pedra (Bento Gonçalves)
- Estrada do Imigrante (Caxias do Sul)
- Rota das Cantinas (Garibaldi)
- Rota das Cantinas Históricas (Bento Gonçalves)
- Rota Uva e Vinho (*)
- Rota Vale dos Vinhedos (*)
- Rota Nostra Colônia (Jaguari)
- Roteiros Integrados da Quarta Colônia (*)
- Rota Della Cuccagna (Tapera)
- Caminhos da Imigração e da Cultura (*)

Santa Catarina:

- Os Caminhos da Fronteira (*)
- Ecoturismo e Tradições (*)

Paraná:

- Circuito Italiano de Turismo Rural de Colombo
- Rota Gastronômica da Santa Felicidade
- Caminho do Vinho (São José dos Pinhais)

Espírito Santo:

- Município de Venda Nova do Imigrante

Fontes: www.setur.rs.gov.br; www.santur.sc.gov.rs; www.pr.gov.br/turismo.

Organizado pelo autor.

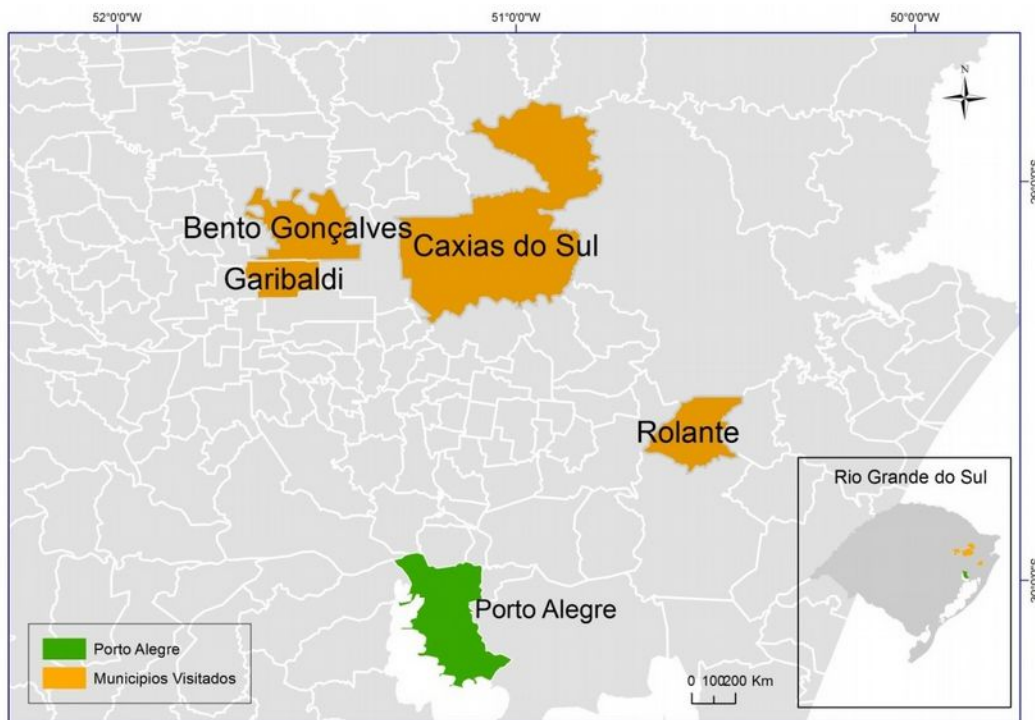
Cabe salientar que o critério utilizado para selecionar os circuitos é que fossem constituídos exclusivamente por empreendimentos ítalo-descendentes, ou seja, formatados a partir da oferta de produtos oriundos das heranças culturais reproduzidas pelos descendentes dos imigrantes vindos para o Brasil³.

2 Importante destacar que a escolha em utilizar o termo *Circuito* tem por intuito buscar uma nomenclatura padrão para identificar as variadas definições existentes (rota, roteiro, caminho, etc.).

3 Ao longo do trabalho, em termos metodológicos, além da pesquisa bibliográfica e em fontes primárias e secundárias, durante o ano de 2013 foram realizadas entrevistas utilizando roteiros estruturados e semiestruturados, com: proprietários dos empreendimentos turísticos, 57 ao todo; representantes dos governos locais, em geral secretários de turismo dos municípios, somando 10 entrevistas; e um questionário destinado aos turistas, os quais foram aplicados pelos próprios empreendedores nos circuitos selecionado para pesquisa.

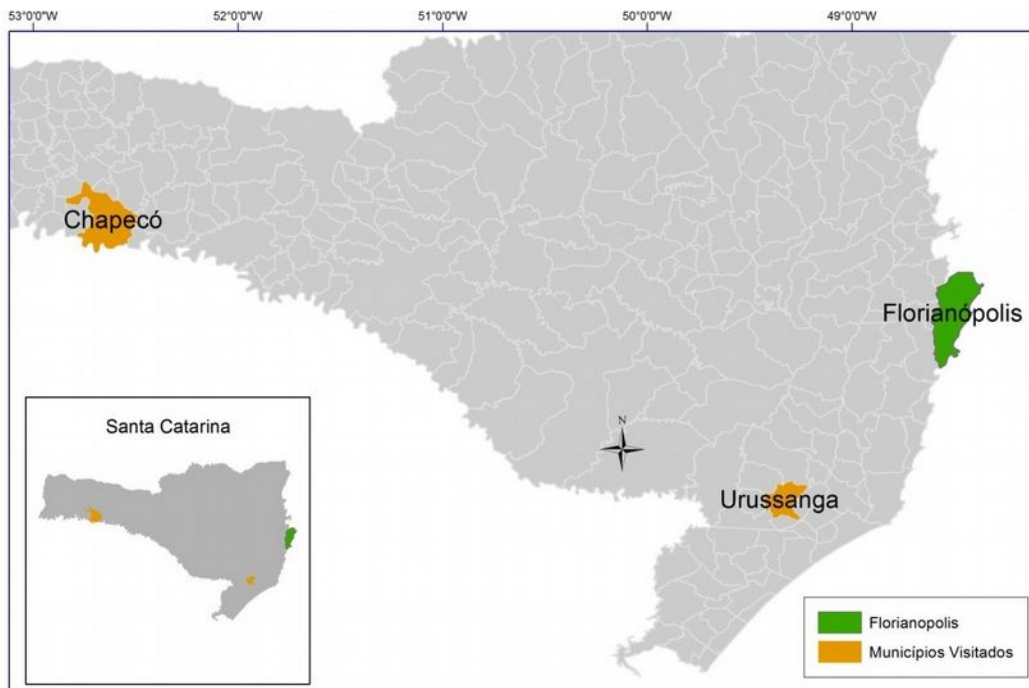
A partir da pesquisa de campo realizada junto a estes circuitos turísticos, pôde-se interpretar a relação de uso dos bens culturais em processo de refuncionalização turística.

Figura 2: Circuitos turísticos e municípios visitados no estado do Rio Grande do Sul.



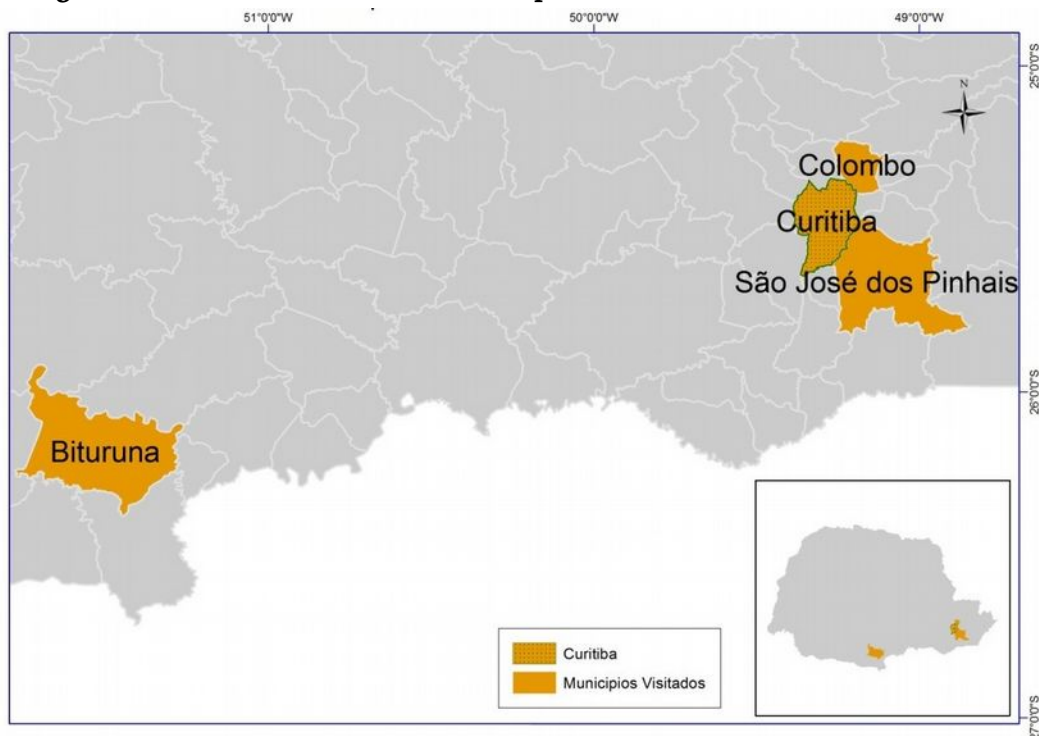
Fonte: IBGE (2007). Elaborado por PANIS, M. e DIAS, V. F.

Figura 3: Circuitos turísticos e municípios visitados no estado de Santa Catarina.



Fonte: IBGE (2007). Elaborado por PANIS, M. e DIAS, V. F.

Figura 4: Circuitos turísticos e municípios visitados no estado do Paraná.



Fonte: IBGE (2007). Elaborado por PANIS, M. e DIAS, V. F.

Figura 5: Circuitos turísticos e municípios visitados no estado do Espírito Santo.



Fonte: IBGE (2007). Elaborado por PANIS, M. e DIAS, V. F.

Tal processo abriu precedente para nos questionarmos se o uso das heranças culturais para a promoção do turismo provocaria o esvaziamento do seu conteúdo cultural, convertendo as práticas e saberes em artificialidades, uma vez que passariam a ser valorizadas como estratégia mercadológica. Ou se, ao contrário, constituir-se-ia como uma importante forma de valorizar e reforçar os vínculos de pertencimento com a comunidade local e promover a manutenção das heranças culturais. Dessa maneira, é com base nessa questão que este texto se propõe a apresentar alguns elementos que contribuam no debate e no aprofundamento a respeito da relação de uso da cultura ítalo-descendente pelas práticas turísticas na atualidade.

Do passado ao presente: as permanências da cultura

A partir de um breve histórico inicial, abordaremos sobre as permanências das referências culturais no espaço que, por consequência, se converteram em atrativos turísticos. O maior fluxo de imigração de italianos para o país ocorreu a partir do último quartel do século XIX e o primeiro do XX, período no qual, mesmo não sendo precisos os registros históricos, calcula-se que cerca de 1,4 milhão de italianos vieram para o Brasil, sobretudo para as regiões Sul e Sudeste do país

(Anexo 1) (FRANZINA, 2006; CARVALHO, 1925, MINISTERO DELLE RELAZIONI ESTERE, 1951). Os fatos que convergiram para esse momento estão situados tanto no contexto brasileiro quanto italiano, isso porque tal processo foi importante para os dois países naquele momento.

Do lado da Itália, o processo de industrialização pelo qual a Europa havia passado chegara tardiamente e ainda não havia se consolidado naquele país (MALANIMA, 1982). Mesmo depois da sua unificação, na segunda metade do século XIX – o chamado *Risorgimento* – “a Itália chega à unidade nacional em condição de atraso econômico em comparação com os países do Centro-Norte da Europa” (TONIOLO, 1978, p. 4). Há, ainda, o agravante de que essa unidade nacional era apenas territorial (BERTONHA, 2005), argumento respaldado na celebre frase do pintor, escritor e político Massimo d’Azeglio (1792-1866), quando afirma que “*Fatta l’Italia, facciamo gli italiani*”⁴.

Porém, o ingresso da Itália no período industrial, somado ao avanço dos grandes latifúndios sobre as propriedades familiares e ao aumento dos impostos para custear as despesas do Estado promoveu, especialmente entre os mais pobres, uma opressão fiscal e financeira. Levou grande parte da população à miséria e, por consequência, expulsou-os do país, motivo pelo qual milhares deles emigraram para o Brasil (IANNI, 1963; AZEVEDO, 1982)⁵.

Por essa razão, Franzina (2006, p. 62), ao tratar do assunto, questiona: “atração pela América ou expulsão pela Europa? Evento eminentemente demográfico e ‘autodinâmico’, ou resultante de processos econômicos sociais e políticos bem precisos?”.

De fato, a Itália precisava diminuir a pressão demográfica para aliviar os problemas socioeconômicos. Por outro lado, também o Brasil estava passando por processos de transformação interna e necessitava de mão de obra, tanto para substituir o trabalhador escravo, sobretudo nas fazendas de café no Sudeste, quanto para ocupar os territórios ao sul do país, por meio da política de colonização que, aliás, já havia começado com os povos germânicos no início daquele mesmo século (DE BONI e COSTA, 1984).

O processo de emigração se consolida e num período de, aproximadamente, trinta anos. Milhares de italianos chegaram ao país, isso sem contar com a imigração clandestina, seguindo rumos diferentes entre fazendas de café ou as

4 De acordo com Gigante (2011, p. 5), esta frase é traduzida com outras variantes, tais como: “*L’Italia è fatta, facciamo gli italiani*” ou ainda “*Fatta l’Italia, bisogna fare gli Italiani*”, *et similia*.

5 Importante lembrar que muitos países do continente Americano receberam os imigrantes italianos, contudo, três destinos se destacam por tê-los recebido em maior quantidade: EUA, Brasil e Argentina (FRANZINA, 2006);

colônias de imigração, cujos números são desconhecidos. É a partir desse contexto, já em território brasileiro, que a ideia da “Merica” ser a terra da *cuccagna* (da fartura) se transforma, para muitos, numa dura realidade a ser enfrentada. Eternizada, inclusive, na canção *Merica-Merica*, de Angelo Giusti, quando falam que “*E alla Merica noi siamo arrivati; No’ abbiam trovato nè paglia e nè fieno; Abbim dormito sul nudo terreno; Come Le bestia andiam riposar*”⁶.

Foram exatamente as dificuldades encontradas nos destinos em cada região, somadas à insistência dos imigrantes italianos em permanecer em tais lugares, que fortaleceram uma solidariedade interna entre estes grupos, pois, segundo Azevedo (1982, p. 212), “(...) o colono, como indivíduo, não depende patrimonialmente senão de seus próprios recursos e capacidades”. Portanto, foi ao longo dos anos, resistindo às inúmeras dificuldades e empecilhos, por meio do árduo trabalho para construir as condições mínimas de vida que foram imprimindo no território os seus saberes e (re)produzindo formas e conteúdos que passaram a compor um conjunto de objetos e saberes típicos da italianidade brasileira⁷.

O processo de construção da territorialidade ítalo-descendente em solo brasileiro se dá de forma dinâmica, por meio da incorporação de elementos externos, ou seja, pela incorporação de outras culturas já estabelecidas em solo brasileiro⁸. E, ainda, inserindo elementos típicos da italianidade na cultura dos diferentes estados e regiões do país onde se concentraram. A territorialidade, de acordo com Sack (1986), está para além da dimensão política do território, pois se constitui a partir da incorporação da dimensão cultural dos grupos sociais por meio de práticas cotidianas que dão significado ao espaço geográfico.

Significa dizer que não há, pois, uma única italianidade no Brasil. Apesar de haver traços comuns que identifiquem um mesmo elo de origem, são também transformadas pelas determinações econômicas e sociais de cada região onde se estabeleceram, seja pela manutenção de traços culturais materiais ou imateriais, seja pela incorporação de saberes e conhecimentos por meio do contato com culturas externas (PANIS, 2009; 2014).

6 “E na América chegamos; Não encontramos nem palha e nem feno; Temos dormido no nu terreno; Como os animais vamos descansar”. Alguns desses relatos sobre as dificuldades nos primeiros anos da imigração, sobretudo nas colônias, podem ser encontrados em Lorenzoni (1975), Bissoli (1979), Ciuffoletti (1990) e Brunello (1994);

7 Para maior conhecimento sobre a história e processo de colonização nos estados, pode-se consultar, entre outros, De Boni e Costa (1984), para o Rio Grande do Sul, Dall’Alba (1987), para Santa Catarina, Balhana (1987), para o Paraná, Pereira (1987) e Petrone (1987), para São Paulo, e Derenzi (1974), para o Espírito Santo;

8 Quando os italianos chegaram ao Brasil, este território já era basicamente ocupado por índios, africanos, portugueses, espanhóis e alemães;

Assim, no período contemporâneo, os lugares onde estes imigrantes se fixaram são marcados pela presença de bens materiais e imateriais que representam sua identidade, heranças que resistiram às mudanças no tempo e no espaço, tais como casas de madeira ou pedra, igrejas, vinícolas e cantinas, passadas de geração em geração, e outras edificações, objetos e ferramentas de trabalho, além dos saberes e conhecimentos, técnicas, aspectos da religiosidade, os dialetos, as canções e histórias, entre outros, que adquirem o status de patrimônio devido à sua importância histórica e social (Figuras 6 a 9).

Portanto, queremos deixar claro que consideramos patrimônio não apenas os bens materiais ou imateriais que estão catalogados ou protegidos por instrumentos de proteção, tais como o tombamento, mas adotamos a ideia da herança e transmissão através das gerações, bens que resistiram às transformações e permaneceram enraizados no tempo e no espaço (CHOAY, 2001). Além disso, tal como Canclini (1994), aquelas práticas sociais e bens que adquiram sentido a partir dos processos históricos das sociedades nos lugares e expressam a sua cumplicidade social.

Importante sublinhar que a maior parte do século XX foi marcada pelo olhar das instituições sobre aquele patrimônio de pedra e cal, heranças do barroco brasileiro, enquanto que as outras representações culturais quase não recebiam atenção dos órgãos preservacionistas (MOTTA, 2001; FONSECA, 2005; GONÇALVES, 2005). Castriota (2009) pondera que, mesmo assim, o século XX representou um período de ampliação e aprofundamento do debate a respeito dos instrumentos e ações de proteção e preservação do patrimônio e, inclusive, ou por consequência, levou ao aumento do uso deste patrimônio pelas práticas turísticas. Segundo ele, “o patrimônio constitui hoje um campo em rápida expansão e mudança”, isto porque “nunca se falou tanto sobre a preservação do patrimônio e da memória, nunca tantos estiveram envolvidos em atividades ligadas a ele”, bem como “nunca se forjaram tantos instrumentos para lidar com as preexistências culturais” (CASTRIOTA, 2009, p. 11), tendência mundial que, no caso do Brasil, se amplia com a Constituição de 1988.

Mas, qual é a relação entre os usos cotidianos do patrimônio ítalo-descendente e a sua conversão em objeto das práticas turísticas? Esta é uma indagação que norteia as ideias apresentadas na próxima seção do texto.

O turismo e o patrimônio: relações imbricadas da atualidade

O turismo tem seu advento com a sociedade industrial e, desde então, tornou-se uma das principais atividades movimentadoras de fluxos de pessoas, capitais, mercadorias e serviços no período contemporâneo (CRUZ, 2001). Nessa equação,

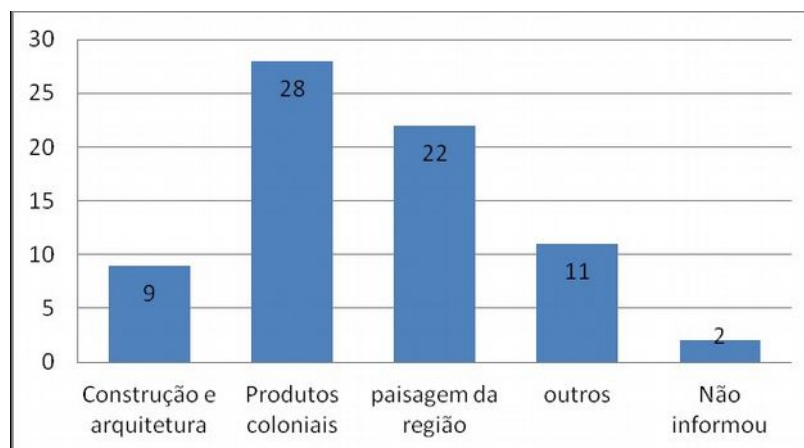
deve-se levar em conta a multiplicação dos diferentes tipos de práticas turísticas que visam atender públicos cada vez mais específicos. É nesse contexto que, a partir da segunda metade do século XX, cresceu a oferta e o interesse pela prática turística de cunho cultural, na qual estão inseridos os circuitos turísticos ítalo-descendentes.

Segundo Cruz (2001), os lugares convertem-se em atrativos na medida em que seus atributos são postos em evidência ou são descobertos pelos viajantes, sejam eles eventuais, individuais ou em grupo. Além disso, Knafou (1996) lembra que os turistas constituem a primeira fonte de turistificação dos lugares, visto que são eles que, aos poucos, vão exigindo de seus proprietários a adequação dos lugares ou transformando-os em pontos de visitação.

Mesmo que o desejo de viajar tenha sido criado historicamente na sociedade, para transformar o ócio em negócio (CHAUÍ, 2000), como forma de dinamizar o mercado, verifica-se a diversificação da oferta. Deve-se levar em conta que boa parte daqueles que se colocam em movimento para turistar também exprimem o desejo pelo contato com o diferente. É neste sentido que Urry (1996, p. 18) interpreta o olhar do turista que, segundo ele, busca o contato com representações materiais e simbólicas para além de sua experiência cotidiana, no campo ou na cidade.

Neste sentido e já nos aproximando de dados empíricos de pesquisa, trazemos alguns motivos pelos quais os visitantes buscam as regiões ítalo-descendentes para praticar o turismo. O Gráfico 1 demonstra, a partir dos questionários respondidos pelos visitantes nos empreendimentos turísticos, que grande parte dos visitantes busca, nos lugares visitados, os elementos que constituem parte das práticas tradicionais e cotidianas da cultura ítalo-descendente que antecedem o próprio turismo.

Gráfico 1: Atrativos mais marcantes para os turistas e visitantes.



Fonte: o autor, 2014.

As Figuras 6 a 9 fornecem uma amostra das representações da cultura ítalo-descendente encontradas pelos visitantes, onde é possível ter contato com fragmentos da paisagem, heranças materiais construídas e preservadas, além de produtos que expressam os saberes e conhecimentos transmitidos.

Figura 6: Agroindústria familiar – Circuito de Agroturismo – Venda Nova do Imigrante/ES.



Foto: Marcelo Panis, setembro de 2013.

Figura 7: : Casa da Erva Mate – Caminhos de Pedra – Bento Gonçalves/RS.



Foto: Marcelo Panis, julho de 2013.

É nesse ponto que a aproximação entre o patrimônio ítalo-descendente e o turismo se apresenta de forma mais clara. Isso porque as regiões onde historicamente os imigrantes italianos se instalaram constituem lugares impregnados de representações culturais, bens materiais ou imateriais que resistiram às transformações do tempo e permanecem como remanescentes de períodos pretéritos, na atualidade, adquirindo valor histórico e social. Por isso, possuem o status de patrimônio.

Figura 8: : Casa de Pedra e Vinícola Família Strapasson – Caminhos de Pedra – Bento Gonçalves/RS.



Foto: Marcelo Panis, setembro de 2013.

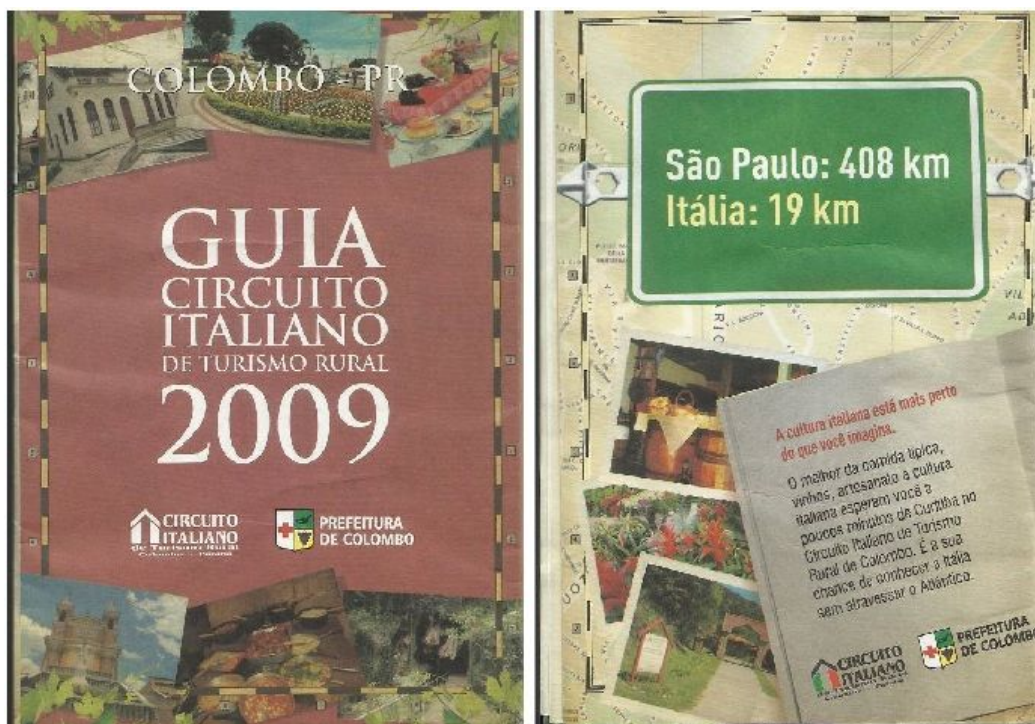
Figura 9: Paisagem da região serrana do RS – Cantinas Históricas – Bento Gonçalves/RS.



Foto: Marcelo Panis, setembro de 2013.

Percebendo o desejo de ter o contato com essas representações da cultura, por parte dos viajantes, os próprios habitantes passaram a formatar circuitos turísticos que ofertassem aos visitantes tanto o contato com a paisagem quanto com os produtos que normalmente constituíam objeto de desejo a serem consumidos. (Figuras 10 a 13).

Figura 10: Folheto e mapa de divulgação turística do Circuito Italiano de Turismo Rural de Colombo.



Fonte: Prefeitura Municipal de Colombo (s/d).

Figura 11: Sinalização indicativa dos atrativos turísticos - Caminhos de Pedra – Bento Gonçalves/RS.



Foto: Marcelo Panis, julho de 2013.

Figura 12: Sinalização turística – Cantinas Históricas – Bento Gonçalves/RS.



Foto: Marcelo Panis, julho de 2013.

Figura 13: Sinalização turística – Estrada do Sabor – Garibaldi/RS.



Foto: Marcelo Panis, julho de 2013.

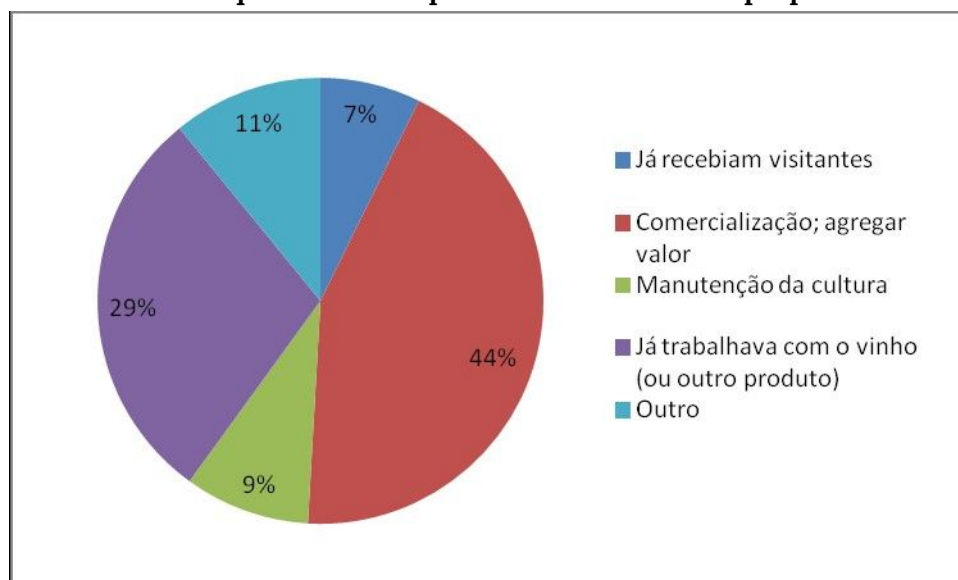
Não obstante, a abordagem entre turismo e cultura sempre levanta debates polêmicos pois, muitas vezes, corre-se o risco de incidir apenas na crítica sobre converter os bens culturais em produtos a serem comercializados, não considerando os processos de valorização da cultura, ou seja, iniciativas que visam conservar ou resgatar as representações simbólicas dos grupos culturais. Afinal, é imprescindível compreender que a cultura ítalo-descendente precede o turismo e sua continuidade não está necessariamente atrelada ao consumo mercadológico de suas heranças culturais.

Mesmo que seja da própria dinâmica da cultura o processo de transformação ao passar do tempo, onde algumas representações materiais, saberes e práticas vão sendo abandonados e dão lugar a novas formas de fazer e viver, o turismo, como uma prática social, coloca em evidência as expressões da cultura ítalo-descendente, convertendo-as em atrativos. Ele pode representar uma iniciativa que congrega tanto a preservação – afinal, não é possível formatar circuitos turísticos com base na cultura se as representações desta cultura não estiverem minimamente conservados – quanto a geração de renda – onde se obtém ganhos a partir do uso dos bens de valor histórico-social da cultura.

É a partir deste processo que as heranças culturais passam a compor um produto turístico, adquirindo novos usos e sentidos, sendo refuncionalizadas, dessa forma, e convertidas em mercadorias para um consumo cultural (LUCIARI, 2005), momento em que há a incorporação do valor econômico ao valor cultural, ou a incorporação do valor de troca ao valor de uso (MENESES, 1999). Fato que não é, necessariamente, negativo. Afinal, a possibilidade de obter ganhos econômicos a partir das heranças materiais e imateriais não se configura, por consequência, somente em processos de espetacularização (LEITE, 2010), onde o único objetivo é converter a cultura em produto consumível.

No caso dos circuitos ítalo-descendentes, tal afirmação se comprova com as respostas obtidas em campo a partir do questionário aplicado junto aos donos dos empreendimentos nos circuitos turísticos, quando perguntados sobre “O que motivou a promover o turismo na propriedade?” (Gráfico 2).

Gráfico 2: O que motivou a promover o turismo na propriedade?



Fonte: o autor, 2014.

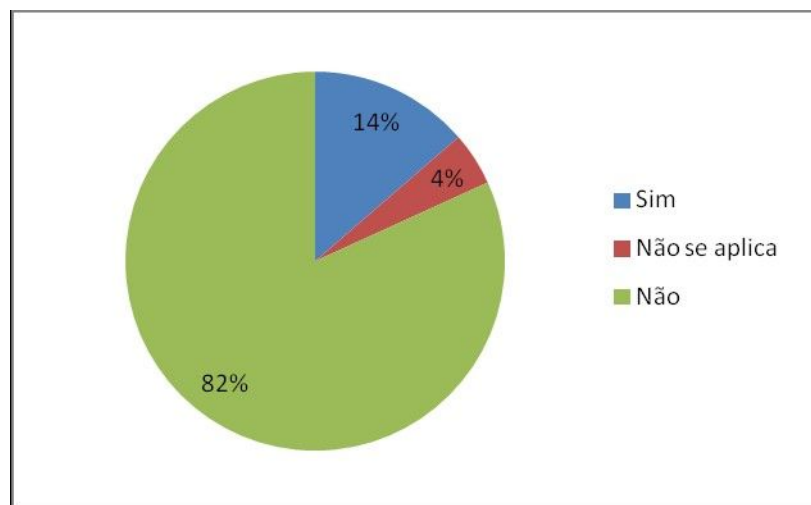
Além do quadro geral, é importante direcionar o olhar a algumas respostas que ilustram melhor os motivos que levaram os empreendedores a promover o turismo. Para L. A., 42 anos, “partiu de uma necessidade e de uma busca pra melhorar a qualidade de vida (...), o que motivou foi a gente agregar valor e ter uma renda superior ao que a gente vinha tendo”. Também para M. B., 22 anos, “era um meio da gente divulgar nosso produto, divulgar nossa terra, o que a gente tinha aqui pra fora (...). Uma forma de sobrevivência no interior também”. Ou, ainda, como respondeu L. L. T., 27 anos, para quem “essa alternativa do turismo veio

como uma necessidade de se fixar ainda na colônia, pra tocar adiante aqui a propriedade junto com a uva”.

É possível compreender nestes fragmentos de entrevistas que o turismo se converte em uma estratégia econômica a partir de uma realidade preexistente. Isso significa que estes produtos não foram formatados exclusivamente para as práticas turísticas, ou seja, já havia a produção e comercialização de produtos como vinho, embutidos e compotas, entre outros, e o turismo passou a figurar como uma possibilidade adicional de obter rendimentos com a comercialização desses produtos tradicionais.

Em tal processo, o turismo representa uma atividade que incrementa os rendimentos familiares, uma vez que as famílias não têm no turismo sua única fonte de renda, sendo uma complementação dos ganhos familiares (Gráfico 3). Trata-se de fenômeno já estudado por pesquisadores como sendo a pluriatividade⁹ do trabalhador no campo. Nesse caso, o turismo se constitui como uma das atividades incorporadas às práticas rurais.

Gráfico 3: O turismo é a única fonte de renda?



Fonte: o autor, 2014.

Ao mesmo tempo em que contribui para a preservação dos bens materiais e dos conteúdos simbólicos da cultura, o uso turístico do patrimônio cultural garante sua continuidade no tempo e no espaço, como pode ser observado em alguns relatos de empreendedores. Quando perguntados se estes achavam que o turismo ajudava a manter e conservar os bens e as práticas culturais ítalo-descendentes, a

⁹ Para maiores esclarecimentos sobre o tema pode-se consultar: Campanhola e Graziano da Silva (2000), Carneiro e Maluf (2003), Schneider (2003), Anjos (2004), entre outros;

grande maioria respondeu que sim, pois sem essa preservação perde o atrativo, como podemos afirmar a partir da entrevista de P.M.F., 49 anos. Segundo ela,

é fundamental, é o turismo que vai ajudar. Porque ele dá vida pro bem histórico-cultural. Ele valoriza a manifestação, ele eleva a autoestima da população, mas só de estima elevada não sobrevive, tem que ter o dinheiro. E o dinheiro vem através dessa animação do território, então, aproveitar uma casa histórica, montar ali um restaurante ou uma pousada, ou fazer com que ela faça parte do contexto do serviço. Turismo é serviço. Atrativo é cultura. Um precisa do outro. O turismo precisa da cultura como atrativo e a cultura, do serviço turístico pra fazer o visitante chegar nela. Um não vive sem o outro. (P. M. F., julho de 2013)

Ainda neste sentido, I. O., 28 anos, ao ser perguntado se o turismo ajuda a conservar os bens e práticas culturais ítalo-descendentes, afirma:

Sim, sim, sim. Pelo seguinte: a gente tem uma cultura que, digamos assim, até então, é um pouco diferente do restante dos povos do Brasil, dessa miscigenação que é o Brasil. E junto tem práticas, tem comida, alguma coisa de dança, de folclore e, até então, é típico nosso. Então, quando pessoas de longe vêm visitar, eles querem ver isso, coisas que eles não conheçam e que sejam diferentes e que, de certa forma, foi o (pausa), foi um fator que fixou esse imigrante aqui, que desenvolveu. Então, hoje, com a globalização, muita coisa a gente acaba perdendo, que realmente é cultural. Mas, assim, se a gente não manter aquele pouco que restou, que é como a cultura mesmo, não vai ter graça daqui a pouco para o turista vir, porque não vai encontrar alguma coisa realmente diferente, né. (I. O., junho de 2013).

Pode parecer uma obviedade que os empreendedores do turismo nos circuitos ítalo-descendentes admitam que esta atividade contribua para a preservação das materialidades ou para a manutenção de saberes e conhecimentos, afinal, seriam eles os beneficiados diretos dos resultados do turismo. Entretanto, existem outros elementos que são importantes de serem destacados aqui e que não fazem parte do *trade* turístico, como as tradições familiares e comunitárias que não são ofertadas como produtos turísticos, ou seja, não são vistas pelos visitantes, mas constituem um importante amálgama que preenche a cultura e as experiências cotidianas de sentido, reforçando os nexos de pertencimento.

Para ilustrar melhor esta afirmação, podemos trazer como exemplo a Missa das Dez em Venda Nova do Imigrante, no estado do Espírito Santo, onde está situado o Circuito de Agroturismo. A Missa das Dez é, na verdade, um momento de

encontro entre aqueles que participaram da celebração religiosa na igreja Matriz, que acaba às dez horas da manhã dos domingos. Os participantes se reúnem no salão da igreja e ali conversam, em português ou no dialeto italiano (os mais velhos), bebem vinho e ouvem e cantam as cantarolas italianas¹⁰ entoadas pelos membros do coral da igreja.

Além disso, é o ambiente onde discutem questões da comunidade, das festas e das comemorações, como a Festa da Polenta, uma das mais tradicionais do país. Esta não é um atrativo, mas uma experiência comunitária na qual estão presentes muitos ítalo-descendentes. Mais do que essas atividades comunitárias, pode-se destacar ainda a Festa do Pane e Vino e a Serenata Italiana onde, segundo relatos, há atividades de cunho turístico.

Existem outros exemplos que podemos trazer para ilustrar o processo de valorização da cultura ítalo-descendente. Além de um sem número de outros eventos comunitários não turísticos que ocorrem nos muitos vilarejos e colônias espalhados pelo Sul e Sudeste do país, existem: a Festa da Cultura Italiana e a Romaria da Sede Figueira, em Chapecó, Festa Ritorno Alle Origine, em Urussanga, e Festa da Gastronomia, em Nova Veneza, todos municípios de Santa Catarina; Festa de Nossa Senhora do Caravaggio, Baile do Vinho e a Janta Italiana, em Rolante/RS; Festa do Vinho Novo, Festa de Santo Antônio e a Noite Italiana, em Caxias do Sul/RS; a Tortelada e a Codornada, relatadas por um entrevistado de uma comunidade do interior, também de Caxias do Sul/RS; a Sagra Trevisana em Bento Gonçalves/RS. Há também outras festas consagradas, estas sim utilizadas como eventos turísticos, como a Festa da Uva, em Caxias do Sul/RS.

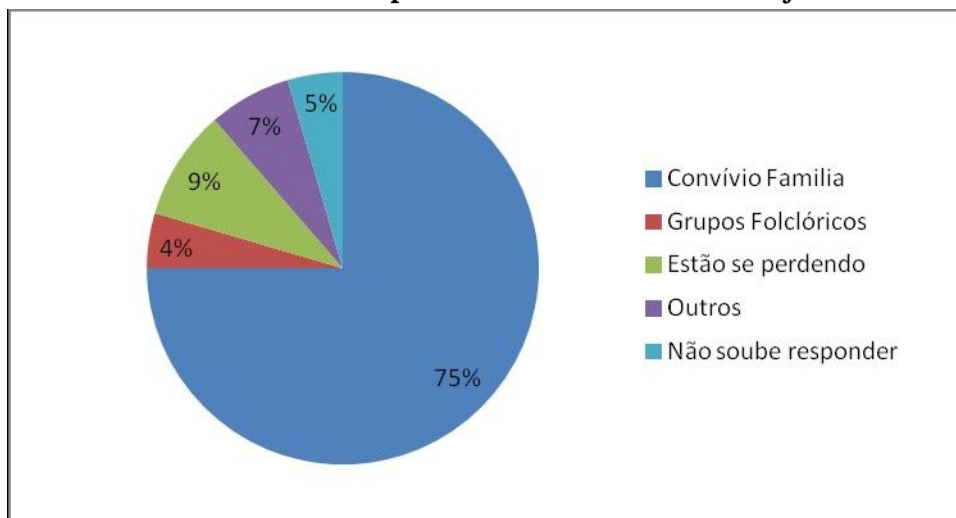
Para além das festas e celebrações estão outros elementos que fazem parte deste ser ítalo-descendente, como a produção e o consumo do vinho em cantinas pequenas, seguindo receitas tradicionais de família, de pratos típicos da culinária colonial, conservas e embutidos; jogos como a mora, o quatrilho, o cinquilho, três-sete, briscola, entre outros; e o uso do dialeto, sobretudo o vêneto, entre outras práticas que fazem parte das vivências cotidianas, familiares ou comunitárias, que reforçam o sentido de pertencimento a cultura.

Outro aspecto que reforça este argumento está nas respostas dos representantes dos empreendimentos familiares, quando perguntados de que forma as práticas culturais eram transmitidas para os mais jovens. A intenção com esta pergunta era buscar compreender como se dá a transmissão do legado cultural, deveras importante para a continuidade da cultura ítalo-descendente. A grande

10 Na ocasião da pesquisa a então Secretária de Turismo do município, Claudete Belon, relatou em entrevista que está para ser lançada uma publicação com estas cantarolas típicas cantas pelo Coral da Igreja;

maioria apontou o convívio familiar como sendo o principal modo de transmitir os saberes e os fazeres, elementos constitutivos da cultura imaterial (Gráfico 4).

Gráfico 4: Como essas práticas são transmitidas aos jovens?



Fonte: o autor, 2014.

As respostas reforçam o elemento da vivência familiar e comunitária, sendo por meio destas que se renovam os nexos de pertencimento frente às transformações propostas e impostas por uma certa homogeneização cultural, trazidas pelas verticalidades da globalização (SANTOS, 1996). O próprio patrimônio material tende a ser mais valorizado à medida que a teia de significações se mantiver e as tradições e costumes do passado forem transmitidas no presente aos mais jovens.

Tal aspecto reforça o papel central da família na cultura ítalo-descendente. Essa tradição de valorização da família tem sido transmitida através das gerações. Seja nas colônias de imigração ou nas fazendas de café, os italianos e seus descendentes sempre tiveram na unidade familiar e comunitária um núcleo sólido de convívio e fortalecimento dos laços afetivos e de pertencimento. Nesse aspecto, Azevedo (1982, p. 193) lembra que os primeiros anos das colônias constituíam um “processo de unificação de esforços”, onde era necessário um empenho de todos para construir as condições básicas necessárias para se viver e, por tal motivo, a vivência comunitária passou a ser uma marca dessa cultura, grande parte desta sendo junto à comunidade religiosa, como destaca Manfroi (1975).

Maschio (2013, p. 135), fazendo um resgate histórico da colonização italiana no município de Colombo, no Paraná, observa que “na família, lugar de acolhimento dos membros, comuns eram as conversas, os momentos de contação de

histórias e as orações que se sucediam no interior dela”, orações em latim e conversas e histórias em vêneto.

Evidente que no âmbito da cultura ítalo-descendente e da cultura em geral as representações materiais e imateriais constituem elementos de uma identidade que é dinâmica, o que significa dizer que algumas práticas e saberes são abandonados com o tempo, dando lugar a outras, enquanto que apenas uma parcela deles é transmitida para as gerações futuras. Nesses termos, a identidade representa a amálgama que cimenta as relações de pertencimento. Para Wasserman (2001, p. 9), “a identidade conforma-se a partir de experiências reais e significativas”, além disso, “enquanto o sentimento de pertencimento é simbólico e abstrato, mas é originária de vivências, experiências e afetos concretos (...), experiências cotidianas vão compondo um mosaico de imagens que se vinculam sempre a significados ampliados da identidade a ser construída”.

Nessa medida, é o conjunto entre as heranças materiais remanescentes, somadas aos saberes e práticas cotidianas, que possibilitou converter parte das representações da cultura ítalo-descendente em atrativo e distintivo turístico, ofertado nos diferentes circuitos turísticos nas regiões Sul e Sudeste do país.

Considerações finais

Este artigo teve como proposta apresentar uma análise da relação de uso da cultura ítalo-descendente pelas práticas turísticas no período contemporâneo. Sinteticamente, procuramos tecer uma análise na qual foram apresentados alguns bens e heranças culturais ítalo-descendentes preservados na atualidade, em especial nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Espírito Santo, onde foram levantados e investigados os circuitos turísticos ítalo-descendentes. Ainda, a partir disso, apresentar uma análise do processo de refuncionalização dos bens culturais ítalo-descendentes, bem como por estratégias econômicas de valorização turística da cultura.

Pelo apresentado, podemos reconhecer que, no período contemporâneo, aumentaram as iniciativas de promoção do turismo com base na oferta de bens culturais, não como uma mera forma de espetacularização, e sim como forma de obter ganhos e melhorar os rendimentos dos grupos familiares, como no caso dos circuitos ítalo-descendentes, sobretudo, por representar iniciativas dos próprios núcleos familiares e comunitários. Em tal processo, portanto, o turismo soma-se ao rol de atividades exercidas no campo ou na cidade, contribuindo para a preservação dos bens e das práticas culturais.

Referências

- ANJOS, Flavio Sacco dos. *Agricultura familiar, pluriatividade e desenvolvimento rural no sul do Brasil*. Pelotas, RS: EGUFPPEL, 2004.
- AZEVEDO, Thales de. *Italiano e Gaúchos: Os anos pioneiros da colonização italiana no Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1982.
- BALHANA, Altiva Pilatti. Italianos no Paraná. In: De Boni, Luis Alberto (org.). *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia – EST, p.121-144, 1987.
- BARRETTO, Margarida. *Turismo e legado cultural: as possibilidades do planejamento*. (Coleção Turismo), São Paulo: Papirus, 2000, 98 p.
- BERTONHA, João Fábio. *Os italianos*. São Paulo: Contexto, 2005.
- BISSOLI, Orestes. *Memórias de um imigrante italiano*. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1979.
- BRUNELO, Piero. *Pionieri: gli italiani in Brasile e il mito della fronteira*. Roma: Donzelli, 1994.
- CAMPANHOLA, Clayton; SILVA, José Graziano da. *O novo rural brasileiro*. Jaguariúna: Embrapa, v. 4, 2000.
- CANCLINI, Nestor Garcia. O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN*, Brasília, n. 23, p. 95-111, 1994.
- CARNEIRO, Maria José; MALUF, Renato Sérgio. *Para além da produção: Multifuncionalidade e Agricultura Familiar*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- CARVALHO, Bulhões. *Progrès de l'immigration italienne au Brésil*. Rio de Janeiro: Imp. De la statistique; Ministère de l'agriculture, industrie et commerce – Bureau Général de Statistique, 1925.
- CASTRIOTA, Leonardo Barci. *Patrimônio Cultural: Conceitos, políticas e instrumentos*. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: IEDS, 2009.
- CHAUÍ, Marilena. Introdução. In LALFARGUE, Paul. *O direito à preguiça*. São Paulo: Hucitec, p. 9-56, 2000.
- CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade: Editora da UNESP, 2001.
- CIUFFOLETTI, Zeffiro. L'emigrazione veneta in Sud America attraverso le fonti consolari. In: GRANDI, Casimira (org.). *Emigrazione: Memorie e Realtà*. Trento: EFFE e ERRE, 1990.
- CRUZ, Rita de Cássia Ariza. *Política de turismo e território*. São Paulo: Contexto, 2001.
- DALL'ALBA, João Leonir. Imigrantes italianos em Santa Catarina. In: DE BONI, Luis Antônio (org.). *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia – EST, 1987.
- DE BONI, Luis Antônio; COSTA, Rovílio. *Os italianos do Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: EST – Correio Riograndense – EDUCS, 1984.
- DERENZI, Luiz Serafim. *Os italianos no estado do Espírito Santo*. Rio de Janeiro: Editora Artenova, 1974.
- FERREIRA, Joaquim Vieira. *Azambuja e Urussanga: memória sobre a fundação, pelo engenheiro Joaquim Vieira Ferreira, de uma colônia de imigrantes italianos em Santa Catarina*. Niterói, RJ: Diário Oficial, 1939.
- FONSECA, Maria Cecília Londres. *O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.
- FRANZINA, Emílio. *A grande emigração: o êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil*. Tradução: Edilene Toledo e Luigi Biondi. Campinas: Ed. Da UNICAMP, 2006.
- GIGANTE, Claudio. 'Fatta l'Italia, facciamo gli Italiani': Appunti su una massima da restituire a d'Azeglio. In: *Rivista Europea di Studi Italiani*. Amsterdam: Incontri, Anno 26, Fascicolo 2, pp. 5-15., 2011.
- GONÇALVES, José Reginaldo. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônio. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 15-36, 2005.
- IANNI, Constantino. *Homens sem paz: os conflitos e os bastidores da emigração italiana*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1963.
- KNAFOU, Remi. Turismo e território. Por uma abordagem científica do turismo. In: RODRIGUES, Adyr Aparecida Balastri (org.). *Turismo e geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- LORENZONI, Júlio. *Memórias de um imigrante italiano*. Porto Alegre: Sulina, 1975.

- LUCHIARI, Maria Tereza Duarte Paes. A reinvenção do Patrimônio arquitetônico no consumo das cidades. *Geosp*, São Paulo/SP, v. 15, n. 17, p. 95-105, 2005.
- MALANIMA, Paolo. *L'Economia italiana nell'età moderna*. Roma: Editori Riuniti, 1982.
- MANFROI, Olívio. *A colonização italiana no Rio Grande do Sul: Implicações econômicas, políticas e culturais*. Porto Alegre: Grafosul; Instituto Estadual do Livro, 1975.
- MASCHIO, Edison. As famílias italianas de Colombo: lugares de memórias e de histórias da imigração. In: MASCHIO, Elaide Cátia Falcade *Memórias de uma colônia italiana: Colombo – Paraná (1878-2013)*. Porto Alegre: EST Edições, 2013.
- MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Valor cultural, valor econômico: encontros e desencontros. *Anais do Seminário Internacional de História da Energia*. Fundação Patrimônio Histórico da Energia de São Paulo, 1999.
- MINISTERO DELLE RELAZIONI ESTERE. *Il Brasile: risorse e possibilità*. Rio de Janeiro, RJ: Ministero delle Relazioni Estere, 1951.
- MORAES, Antonio Carlos R. *Ideologias Geográficas*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- MOTTA, Lia. *A apropriação do patrimônio urbano no Brasil: do estético-estilístico nacional ao consumo visual global*. In: ARANTES, Antônio Augusto. *O espaço da diferença*. Campinas: Papirus, 2000.
- PANIS, Marcelo. *O patrimônio cultural e as novas territorialidades turísticas em comunidade rurais: uma realidade emergente no Distrito de Rincão da Cruz, Município de Pelotas/RS*. RA' EGA (UFPR), v. 17, p. 77-92, 2009.
- PANIS, Marcelo. *Circuitos Turísticos italo-descendentes: O uso contemporâneo das heranças culturais no Sul e Sudeste do Brasil*. Tese (Doutorado em Geografia) Universidade Estadual de Campinas, 2014.
- PEREIRA, João Baptista Borges. O imigrante italiano no mundo rural paulista: uma visão antropológica do processo migratório. In: De Boni, Luis Antonio (org.). *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia – EST, 1987.
- PETRONE, Pasquale. Imigrantes italianos no Brasil: identidade cultural e integração. In: DE BONI, Luis Antonio. *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre; Torino: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Fondazione Giovanni Agnelli, 1996.
- SACK, Robert David. *Human Territoriality: its theory and history*. New York: Cambridge University Press, 1986.
- SANTOS, Milton. *A natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: HUCITEC, 1996.
- SCHNEIDER, Sérgio. *Agricultura familiar e industrialização: pluriatividade e descentralização industrial no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- TONIOLO, Gianni. *L'Economia italiana (1861-1940)*. Roma: Ed. Laterza, 1978.
- URRY, John. *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Nobel, 1996.

Sobre o autor

Marcelo Panis: Licenciado em Geografia pela UFPel, mestre e doutor em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), atuando nos seguintes temas: patrimônio cultural, turismo, territorialidade, desenvolvimento local e imigração italiana.

* * *

ABSTRACT

Tourist circuits italian descendants: new uses of culture in the contemporary period

This article aims to present and extend the discussion regarding the means of the use of cultural heritage through tourist practices in the contemporary period. In this way, the discussion in this article will focus on the use of Italian cultural heritage, tangible and intangible assets which are descendants preserved and transmitted over the time been passing down through the generations, due to their great importance. Present, this heritage have incorporated an exchange value to the usage value, observed through the process of the establishment of tourist circuits in States of the South and Southeast of Brazil.

KEYWORDS: Tourist circuits, Italian-descendants, cultural heritage, identity, refuncionalization.

RESUMEN

Circuitos turísticos ítalo-descendentes: nuevos usos de la cultura en la época contemporánea

Este artículo tiene como objetivo presentar y ampliar la discusión sobre las formas de uso de los patrimonios culturales mediante prácticas de turismo en la época contemporánea. Em este contexto, la discusión en este artículo se centrará en la relación de uso del patrimonio cultural ítalo-descendientes, bienes tangibles y intangibles preservados y transmitidos a través del tiempo que, por su importancia, fueron transmitidos a través de las generaciones y, en la actualidad, han incorporado un valor de cambio en el valor de uso, observadas a través del proceso de creación de circuitos turísticos en los Estados del sur y sureste de Brasil.

PALABRAS CLAVE: circuito turístico, ítalo-descendentes, patrimonio cultural, identidad, refuncionalización..

 **BCG:** <http://agbcampinas.com.br/bcg>